

QUINTA-FEIRA — 5 DE FEVEREIRO DE 1987

ANC

Notas e informações

A demagogia do procônsul

Somente o sr. Ulysses Guimarães será capaz de explicar que pretendeu dizer ao afirmar, em seu discurso de posse como presidente da Assembléia Nacional Constituinte, que esta é a oportunidade de o Brasil ter "a mais nacional de suas constituições". Conceda-se que, por ter sido outorgada por d. Pedro, a de 1824 não seja encarada como caracteristicamente brasileira; a de 1937, igualmente por ter sido outorgada e inspirada no fascismo da década, tenha acabado por merecer o apodo de "polaca"; admita-se que a de 1967 não tenha exprimido os anseios da nacionalidade. Cabe perguntar, porém: e a de 1934 — que consagrou os direitos sociais que nunca mais deixaram de ser inscritos nas cartas magnas — e a de 1946 — expressão do pensamento liberal e federativo então triunfante? Será que não foram *nacionais*? Da mesma forma que a de 1891 não terá sido *nacional* apenas porque inspirada no federalismo norte-americano?

O presidente da Constituinte, presidente da Câmara dos Deputados e presidente do PMDB não necessitará com certeza explicar-se perante seus pares — mas deve dar explicações à Nação por que agora inquina as constituições do passado de não-nacionais, ou não suficientemente nacionais. Não o fará, no entanto. O que preocupa o procônsul, afora ver como chegar ao Planalto, é ficar bem com aqueles deputados que o adulam para aproveitar-se de sua senectude, convencidos que estão de que quem foi conservador durante boa parte da vida passada sob a égide da Constituição de 1946; quem advogou a suspensão dos direitos políticos dos adversários do movimento de março de 1964 por 15 anos e não dez como queriam os ministros militares da época; e quem mudou tanto de posição ao longo de sua vida parlamentar pode perfeitamente bem servir aos interesses do esquerdismo infantil e demagógico que busca ser predominante na atual Constituinte.

Para um homem público com as altas responsabilidades políticas e funcionais de

que pretendeu investir-se, o sr. Ulysses Guimarães não tem o direito de aumentar lá fora a crise de confiabilidade no sistema brasileiro, retomando chavões que as esquerdas usavam na década dos 50. Falar em "espoliação externa, com a insânia dos centros financeiros internacionais e os impostos que devemos recolher ao Império (*N. da R.: leia-se Estados Unidos*), mediante a elevação unilateral das taxas de juro e a remessa ininterrupta de rendimentos", é dizer ao sr. Fernão Bracher, presidente do Banco Central, que não vá renegociar a dívida externa brasileira com os bancos privados norte-americanos. Da mesma forma, afirmar que os insensatos não entendem que o Brasil é "senzala dos países mais poderosos" é beirar a sandice e negar tudo aquilo que o presidente José Sarney tem dito a respeito das vitórias obtidas contra o FMI, além de desmerecer da terra e do Estado brasileiros. E condenar o chamado "modelo exportador", no momento em que o Brasil, pela incúria de quem planeja e dirige a economia, não tem cambiais nem para importar matérias-primas para a indústria farmacêutica, é consolar-se individualmente em repetir chavões para agradar os *xixas* que aguardam a oportunidade para dar o golpe final na democracia nascente, em nome da soberania da Constituinte.

Ora, é este personagem de passado político conservador e controvertido e de presente inequivocamente demagógico que merece a consideração do presidente da República, que vai a sua casa para fazer as pazes depois do mal-entendido do malogrado golpe *xixta* (do qual o sr. Ulysses Guimarães participou na primeira fase, juntamente com o consultor-geral da República), além de pedir-lhe que insista com o PMDB para que trabalhe junto aos sindicatos a fim de evitar que a CUT os controle!

A peça oratória com que o sr. Ulysses Guimarães pretendeu entrar na História — se seus esforços para ser presidente da República antes de 1990 malograrem — é a

prova de que vive num mundo surreal e pontilhado de demagogia. Por isso é um discurso grave, especialmente na medida em que incita à animosidade entre ricos e pobres, cujas relações estão cada dia mais tensas por causa da inflação — que não mereceu o menor reparo do procônsul da República. Ou não será incitamento construir essa imagem de duvidosa validade histórica: "O privilégio começa na posse da terra, no início repartida pelos favores reais entre as oligarquias imigradas". Como se o rei de Portugal pudesse distribuir sesmarias entre aimorés, tupis e guaranis! Como se isso não bastasse, continua: "Essas mesmas oligarquias (*N. da R.: leia-se imigradas, estrangeiras*) acostumaram-se ao trabalho escravo e dele não querem abrir mão. Como bem nos apontou mestre Afonso Arinos de Mello Franco, as senzalas do século passado estão hoje nas favelas". De quem quer que seja a imagem usada pelo procônsul, além de ter pouco rigor sociológico é de mau gosto e francamente incitativa. Serve, assim, não aos interesses do Brasil, mas aos objetivos dos que se escondem por detrás de tudo para destruir a democracia. Buscando agradá-los, ser progressista e estar à *la page*, o presidente da Constituinte condena o liberalismo e a economia de mercado, além de reclamar mudanças que não sabe definir quais sejam, e condenar o capital estrangeiro.

O discurso em apreço traça corretamente o perfil do político que foi eleito para presidir a Assembléia Nacional Constituinte; talvez mais melancólico do que essa peça oratória seja a reação daqueles que, experientes ou novos parlamentares, não se furtaram a apontar as grandes qualidades da oração. Em nome do falso progressismo de que Ulysses Guimarães se fez defensor. é que a Assembléia Nacional Constituinte vai decidir o futuro do Brasil. Assim fará, a menos que os que ainda acreditam no liberalismo e na economia de mercado consigam convencer a Nação de que se deve mobilizar para defender a liberdade, que é indissociável dos princípios liberais.